

## **PALAVRÃO PRA LÁ, PALAVRÃO PRA CÁ: NOTAS SOBRE A POSIÇÃO SINTÁTICA E A INTERPRETAÇÃO DE ALGUNS EXPRESSIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

*CUSSING WORDS BACK AND FORTH: NOTES ON THE SYNTAX AND INTERPRETABILITY OF SOME EXPRESSIVE ITEMS IN  
BRAZILIAN PORTUGUESE*

*Marina Nishimoto Marques<sup>1</sup>*

*Renato Miguel Basso<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

Neste artigo, investigamos itens expressivos (IEs) do português brasileiro que aparecem nas estruturas [D IE de DP] (“a merda das chaves”) e em sua versão invertida, i.e. com o expressivo posposto ao DP caracterizado, [DP de IE] (“as chaves de merda”). Fazemos um breve inventário de IEs que apresentam esse comportamento, e então exploramos suas interpretações. Como conclusão, argumentamos, seguindo Basso (2020), que a [D IE de DP] é exclusivamente uso-condicional, com interpretações local e não-local, e que a estrutura [DP de IE] veicula conteúdos mistos (simultaneamente veri- e uso-condicional), com interpretação exclusivamente local. **PALAVRAS-CHAVE:** Expressivos. Uso-condicional. Semântica. Sintaxe.

### **ABSTRACT**

In this paper, we investigate Brazilian Portuguese expressive items (EIs) that appear in the structure [D IE de DP] (“a merda das chaves”, *the damn keys*) and in its inverted version, i.e. with the expressive postponed to the characterized DP, [DP of EI] (“as chaves de merda”, *the shitty keys*). We present a brief inventory of EIs that exhibit this behavior, and then explore their interpretations. In conclusion, we argue, following Basso (2020), that the structure [D EI of DP] is exclusively use-conditional, with local and non-local interpretations, and that the structure [DP of EI] conveys mixed content (simultaneously veri- and conditional use), with an exclusively local interpretation.

**KEYWORDS:** Expressives. Use-conditional. Semantics. Syntax.

### **Introdução**

Embora a semântica formal tradicionalmente tenha se concentrado em estudar o significado vericondicional das línguas naturais, esse não é o único tipo de significado que pode ser veiculado por itens e estruturas linguísticas. Para autores como Kaplan (1999), Potts (2005; 2007), Gutzmann (2013; 2019), entre vários outros, itens expressivos ou uso-condicionais, mesmo que por vezes não carreguem informações sobre as condições de verdade no mundo em que são proferidos (como é o caso de várias interjeições, por exemplo), também podem ser estudados por uma teoria semântica de base formal.

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Bolsa CAPES (88887.499218/2020-00), mnmarques94@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-5632-2170>.

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), rmbasso@ufscar.br, <https://orcid.org/0000-0003-2580-0365>.

Para tratar a expressividade por meio de uma teoria semântica, autores como Potts (2007), McCready (2010) e Gutzmann (2013) propõem que as expressões das línguas naturais sejam analisadas em duas dimensões de significado distintas: uma vericondicional e uma uso-condicional. Na dimensão vericondicional, uma sentença pode ser julgada como verdadeira ou falsa de acordo com suas condições de verdade, avaliadas num conjunto de mundos possíveis relevantes. Na dimensão uso-condicional ou expressiva, por outro lado, uma estrutura linguística não é julgada em relação às suas contribuições para as condições de verdade, mas sim em relação à sua adequação ao contexto em que é proferida, que seria justamente suas condições de uso. Para ilustrar essa diferença, trazemos em (1) e (2) exemplos adaptados de Gutzmann (2015, p. 16, tradução livre):

- (1) “A neve é branca” é **verdadeiro** sse a neve é branca.
- (2) “Ops!” é **usado com felicidade** sse o falante observou um pequeno erro.

Apesar de serem exemplos prototípicos da classe dos expressivos em língua natural, interjeições como ‘ops’, em (2), não são o único tipo de item que adiciona conteúdo na dimensão expressiva/uso-condicional. Basso (2020) analisa uma estrutura sintática do português brasileiro (PB) – esquematizada aqui como [D IE<sup>3</sup> de DP] – que também contribui com um conteúdo uso-condicional. Essa estrutura é exemplificada em (3):

- (3) Eu perdi [a merda das chaves].

Em linhas gerais, os conteúdos veiculados pela sentença (3) em cada uma das duas dimensões são exemplificados abaixo, sendo (3a) a interpretação na dimensão vericondicional e (3b), na dimensão uso-condicional:

- (3a) (3) é **verdadeiro** sse o falante perdeu as chaves.
- (3b) (3) é **usado com felicidade** sse o falante tem uma atitude negativa em relação à situação reportada.

Di Tullio e Saab (2006), ao tratarem de uma estrutura similar no espanhol argentino, observam que esse tipo de construção pode permitir a inversão do elemento expressivo com o DP caracterizado. Verificamos que essa possibilidade também existe no PB, conforme mostramos em (4):

- (4) a. Eu perdi [a merda das chaves].  
b. Eu perdi [as chaves de merda].

<sup>3</sup> “IE” está por “item expressivo”, ou seja, um elemento que contribui para a dimensão uso-condicional da sentença em que aparece, e que, como veremos, pode ser instanciado por diferentes itens e estruturas.

Dadas essas observações, este texto tem como objetivo olhar mais de perto para a estrutura [D IE de DP] (“a merda das chaves”) e sua versão invertida, i.e. com o expressivo posposto ao DP caracterizado, [DP de IE] (“as chaves de merda”)<sup>4</sup>. Há duas principais questões que queremos investigar neste artigo: (i) a inversão do elemento expressivo e do DP caracterizado traz mudanças de interpretação para as sentenças?; e (ii) quais são os expressivos que se encaixam na estrutura [D IE de DP] e todos se comportam da mesma forma?

Nas seções seguintes, exploraremos essas questões, lidando, primeiramente, com as diferenças de interpretação e depois com a classificação das possibilidades de IEs que podem aparecer nas duas posições.

## 1. Expressivo em posição pré- e pós-nominal

Nesta seção, investigamos como a posição do expressivo em relação ao DP que ele caracteriza pode afetar a interpretação da sentença. Especificamente, queremos olhar para dois pontos principais: (i) que tipo de conteúdo – veri- e/ou uso-condicional – é veiculado pelo expressivo nas diferentes posições sintáticas em que aparece (seção 1.1) e (ii) qual é o alvo da atitude negativa<sup>5</sup> do falante em cada um dos casos (seção 1.2). Para ambos os pontos, partiremos de Basso (2020) para falar primeiramente sobre a estrutura [D IE de DP] e, em seguida, comparamos a análise dessa estrutura com a sua versão que inverte o elemento expressivo e o DP caracterizado.

### 1.1. Tipo de conteúdo veiculado pelos expressivos em posição pré- ou pós-nominal

Segundo Basso (2020), a estrutura [D IE de DP] contribui apenas na dimensão uso-condicional de significado, ou seja, o trecho expressivo da estrutura pode ser removido de uma dada sentença sem alterar suas condições de verdade. Assim, as condições de verdade de (5a) e (5b) abaixo são as mesmas: elas são verdadeiras se a TV relevante no contexto quebrou.

- (5) a. A bosta da TV quebrou.  
b. A TV quebrou.

---

<sup>4</sup> É interessante notar que na estrutura [D IE de DP] há sempre um determinante antes do primeiro nome (“a/uma/essa/ aquela merda das chaves”) e o segundo determinante é opcional em alguns casos (“essa merda de/da chave”), por isso Basso (2020) opta por “de DP” ao invés de “de NP”, e seguiremos essa escolha aqui. Porém, na estrutura com o IE invertido, não é possível haver um determinante antes do IE (“as chaves de/\*da merda”), com poucas exceções, como “eu ganhei uma TV do caralho”. Exploraremos um pouco mais este ponto adiante, mas uma resposta completa para as possibilidades combinatórias entre determinantes e preposições nessas estruturas ficará para um trabalho futuro.

<sup>5</sup> Embora a estrutura [D IE de DP] possa expressar também uma atitude positiva, caso um item expressivo positivo como “maravilha” ou “beleza” seja usado no lugar do IE (Basso, 2020), esses itens positivos não podem se inverter com o DP:

Ganhei essa maravilha de TV na rifa.

A Ana comprou essa beleza de carro.

\*Ganhei essa TV de maravilha na rifa.

\*A Ana comprou esse carro de beleza.

Assim sendo, neste trabalho, vamos nos focar nos itens que expressam atitudes negativas, já que é entre eles que achamos a possibilidade dessa inversão e das diferenças de interpretação trazidas por ela.

A diferença de significado semântico entre (5a) e (5b), então, se dá no nível uso-condicional: enquanto (5b) não apresenta nenhum conteúdo nessa dimensão, (5a) veicula nessa dimensão a atitude negativa do falante com relação ao fato de a TV ter quebrado.

Quando há a inversão do elemento expressivo com o DP, há também uma atitude negativa do falante que é veiculada na dimensão uso-condicional da sentença. Em (6), é a atitude negativa do falante veiculada por “de bosta” a responsável por fazer com que a interpretação do diminutivo usado em “TVzinha” penda mais para uma interpretação dimensional, que tem a ver com o tamanho da TV (uma TV pequena), ou então para uma leitura de uso pejorativo do diminutivo.

(6) Ganhei uma TVzinha de bosta na rifa.

Esse contraste é importante porque o diminutivo no PB é comumente usado para expressar uma atitude positiva (afetiva, de carinho) do falante em relação a algo, mas essa leitura não está disponível em (6), já que não é possível que o falante expresse simultaneamente uma atitude positiva (com o diminutivo) e negativa (com o IE) em relação à TV. Ou seja, o exemplo em (6) mostra que há conteúdo expressivo na estrutura [DP de IE] e que o estado emocional do falante recai sobre a TV em questão (mais precisamente, sobre a qualidade da TV).

Porém, além do conteúdo expressivo, é importante notar que o IE posposto também veicula conteúdo vericondicional. Essa é uma característica que não aparece quando o item expressivo está em posição pré-nominal, como vimos nos exemplos em (5), apenas quando esse item está posposto ao DP caracterizado. Assim, se, por um lado, podemos concluir (5b) a partir da premissa em (5a), o mesmo padrão de inferência não é possível de (7a) para (7b), ou seja, não é possível concluir (7b) a partir da premissa em (7a):

- (7) a. A TV de bosta quebrou.  
b. A TV quebrou.

Veja que, o mesmo ocorre quando usamos um adjetivo descritivo comum, como nos exemplos em (8), que utiliza o adjetivo descritivo comum (i.e., veri-condicional) ‘branco’. Por esse adjetivo restringir o domínio do DP que ele caracteriza, não podemos inferir (8b) a partir da premissa em (8a):

- (8) a. O cachorro branco ganhou o concurso.  
b. O cachorro ganhou o concurso.

Por fim, trazemos em (9) mais um teste que mostra que estamos lidando com um item que contribui com informação veri-condicional. Comparando (9a) com (9b), vemos um contraste: enquanto parece contraditório afirmar que a TV tem boa qualidade quando há o uso do expressivo em posição pós-nominal (cf. (9a)), essa estranheza não aparece quando o expressivo aparece em posição pré-nominal, na estrutura [D IE de DP] (cf. (9b)).

- (9) a. Essa TV de bosta quebrou? apesar de ser muito boa.  
 b. Essa bosta de TV quebrou apesar de ser muito boa.

Assim, enquanto a estrutura [D IE de DP] veicula conteúdo em apenas uma dimensão, a sua versão com o expressivo posposto ao DP [DP de IE] parece veicular conteúdo tanto na dimensão vericondicional quanto na uso-condicional. Dessa forma, essa estrutura parece se aproximar mais ao que é chamado na literatura de “expressivos mistos” (McCREADY, 2010) – itens que contribuem simultaneamente nas dimensões veri- e uso-condicional.

Em suma, quando o item expressivo aparece posposto ao nome (i.e. na posição canônica do adjetivo atributivo em PB), ele expressa conteúdos tanto na dimensão descritiva (veri-condicional) quanto na dimensão expressiva (uso-condicional). Isso explica a diferença entre as sentenças em (10):

- (10) a. A TV de péssima qualidade quebrou.  
 b. A TV de bosta quebrou.

Do ponto de vista estritamente descritivo, (10a) e (10b) podem ter as mesmas condições de verdade, ou seja, veicular a mesma informação: a de que a TV tem uma qualidade ruim. Por outro lado, apenas (10b), por trazer o item expressivo “de bosta”, veicula também conteúdo expressivo: o de que o falante está exaltado ou emotivamente envolvido com o fato de a TV ser de péssima qualidade.

Passemos a ver com mais detalhe qual é o alvo da atitude negativa que essa estrutura veicula.

## 1.2. Alvo da atitude negativa do item expressivo

Basso (2020) aponta para uma peculiaridade da construção [D IE de DP]: ao mesmo tempo que ela expressa uma atitude negativa do falante em relação ao DP que ela toma como argumento (i.e. o indivíduo caracterizado pelo expressivo), ela também pode ter uma leitura não-local e expressar uma atitude negativa do falante em relação ao CP no qual ela está inserida (i.e. a situação reportada como um todo). Para ilustrar esse ponto, considere a sentença em (11):

- (11) Essa merda de gato fugiu.

A sentença em (11) é usada com felicidade em duas situações distintas: (i) o falante está bravo com o gato ou (ii) o falante está bravo com o fato de o gato ter fugido<sup>6</sup>. No primeiro caso, o alvo da atitude negativa do falante é o DP interno à estrutura [D IE de DP], conforme ilustrado no esquema semiformal em (11a’), enquanto no segundo caso o alvo da atitude negativa do falante é o CP no qual a estrutura está inserida, conforme podemos ver em (11b’):

<sup>6</sup> É possível ainda que o falante esteja bravo com o gato e com o fato de ele ter fugido, mas não nos deteremos nessa interpretação aqui.

- (11') a. [MERDA[Esse gato]] fugiu.  
 b. [MERDA[Esse gato fugiu]].

No entanto, quando consideramos uma sentença na qual o item expressivo ocupa uma posição pós-nominal, não temos as mesmas duas possibilidades: a leitura não-local não é mais possível, apenas a leitura de que o alvo da atitude negativa é o DP caracterizado. Para ilustrar melhor essa questão, considere o contraste entre as sentenças (12a) e (12b) e entre as sentenças (13a) e (13b):

- (12) a. Que bom que essa merda de gato fugiu!  
 b. Que bom que esse gato de merda fugiu!
- (13) a. Essa merda de gato fugiu, mas tudo bem, porque ele sempre faz isso e depois volta.  
 b. Esse gato de merda fugiu, mas tudo bem, porque ele sempre faz isso e depois volta.

A sentença em (12b) funciona, já que o falante demonstra, com o uso pós-nominal do expressivo, uma atitude negativa direcionada ao gato, e exatamente por isso a situação pode ser considerada como boa para ele. Por outro lado, a sentença em (12a), ainda que use a estrutura [D IE de DP], não gera a leitura de que o falante está com raiva da situação, apenas a de que o falante está com raiva do gato ou não gosta dele, justamente porque é contraditório que ele caracterize a situação como boa (com o “que bom”) e ruim (com a estrutura expressiva) ao mesmo tempo. Para ilustrar essa questão, os esquemas semiformais em (12') abaixo ilustram as interpretações possíveis e a interpretação bloqueada das sentenças em (12):

- (12') a. Que bom que essa merda de gato fugiu!  
 1. Que bom que [MERDA[esse gato] fugiu]  
 2. \*[MERDA[Que bom que esse gato fugiu]]  
 b. Que bom que esse gato de merda fugiu!  
 1. Que bom que [MERDA[esse gato] fugiu]

As sentenças em (13a) e (13b) apresentam o mesmo tipo de contraste. A continuação “mas tudo bem, porque ele sempre faz isso e depois volta” é natural em (13b), já que o estado emocional do falante é direcionado ao gato, e não à situação; além disso, essa mesma continuação bloqueia a leitura de que o falante tem raiva da situação em (13a), fazendo com que essa sentença, que por usar a estrutura [D IE de DP] poderia ter duas leituras, tenha apenas uma: a de que o falante direciona sua atitude negativa ao gato, referência do DP posposto ao IE. Novamente, em (13') ilustramos as interpretações (possíveis e bloqueada) das sentenças em (13), levando em consideração o escopo da atitude negativa:

- (13') a. Essa merda de gato fugiu, mas tudo bem, porque ele sempre faz isso e depois volta.  
 1. [MERDA[esse gato] fugiu], mas tudo bem...  
 2. \*[MERDA[Esse gato fugiu]], mas tudo bem...  
 b. Esse gato de merda fugiu, mas tudo bem, porque ele sempre faz isso e depois volta.  
 1. [MERDA[esse gato] fugiu], mas tudo bem...

Os exemplos em (12) e (13) mostram que a interpretação do item expressivo “de merda” é sempre local. No entanto, a aceitabilidade de uma sentença como aquela em (14) poderia levar a questionar a relevância do teste acima:

- (14) Essa é uma ideia de merda, mas gostei dela!

Afinal, como é possível o falante ter uma atitude negativa em relação à ideia e, ao mesmo tempo, expressar que gosta dela?

Note que a atitude negativa do falante sobre *x* não impede que ele goste de *x*; a contradição acontece quando temos simultaneamente uma atitude negativa e uma positiva, e *gostar* não expressa uma atitude dessa natureza, mas apenas um gosto pessoal. Em outras palavras, não há contradição em gostar que algo que se julga ruim; a contradição acontece quando julgamos como bom algo que julgamos ruim. Note o contraste abaixo:

- (15) a. Essa é uma ideia de merda, mas gostei dela!  
 b. # Essa é uma ideia de merda, mas é uma excelente ideia!

Dito em outras palavras, *gostar* não tem necessariamente a ver com como o falante julga *x* – podemos detestar coisas que julgamos ótimas e gostar de coisas que julgamos ruins. Uma paráfrase semiformal para (15a) seria algo como:

- (15) c. Eu gosto dessa ideia & essa ideia é de baixa qualidade/ruim & eu tenho uma atitude negativa em relação a essa baixa qualidade.

É importante notar que mesmo que não seja contraditório dizer que alguém gosta de algo pelo qual tem uma atitude negativa, já que são conteúdos veiculados em diferentes dimensões (o gosto pessoal na dimensão descritiva e a atitude na dimensão expressiva), negar descritivamente uma atitude veiculada pelo item expressivo pode soar estranho em alguns casos. Consideremos, por exemplo, as injúrias, que são consideradas itens expressivos mistos (DAVIS: McCREADY, 2020), e o contraste entre os exemplos em (16), que apresentam a injúria ‘paraíba’<sup>7</sup>:

<sup>7</sup>De modo simplificado, podemos dizer que injúrias são ofensas a grupos de pessoas compostas por um conteúdo descritivo (ou neutro) e um conteúdo expressivo que é pejorativo. No caso de ‘paraíba’, o conteúdo descrito seria algo como ‘ser do Nordeste do Brasil’, e conteúdo expressivo, “o falante tem uma atitude negativa com relação a pessoas do Nordeste do Brasil”.

- (16) a. O João é um paraíba, mas eu gosto dele.  
 b. O João é um paraíba, ?mas eu não tenho nada contra nordestinos.

A sentença em (16a) soa mais natural e aceitável do que aquela em (16b) justamente porque o alvo da atitude negativa da injúria ‘paraíba’ é o grupo dos nordestinos, e não o indivíduo caracterizado (João). Da mesma forma, dizer algo como a sentença em (14a) não soa estranho porque o alvo da atitude negativa veiculada pelo IE não é o DP caracterizado (essa ideia), mas sim a contraparte descritiva do IE, assim como ocorre com as injúrias (se considerarmos que ‘nordestino’ é a contraparte descritiva da injúria ‘paraíba’).

A sentença em (14) é possível porque a atitude negativa do falante veiculada pelo IE não é direcionada ao DP caracterizado, mas sim à dimensão descritiva do item. Em outras palavras, o falante tem uma atitude negativa não em relação à ideia em si, mas sim à caracterização da ideia como sendo uma ideia ruim. Nesse caso, poderíamos interpretar (14) da seguinte forma: (i) no nível descritivo, o falante considera a ideia ruim; (ii) no nível expressivo, o falante tem uma atitude emotiva direcionada à qualidade ruim da ideia/à caracterização da ideia como ruim; (iii) no nível descritivo, o falante gostou da ideia.

Ao longo da seção 1, mostramos que os expressivos ‘merda’ e ‘bosta’ se comportam de maneiras diferentes dependendo da sua posição na sentença (antes ou após o nome). Essa diferença de comportamento se dá de duas formas: (i) no tipo de conteúdo veiculado e (ii) no alvo da atitude negativa do item expressivo. O tipo de conteúdo veiculado por esses expressivos em posição pré-nominal é exclusivamente expressivo, enquanto em posição pós-nominal, eles veiculam além do conteúdo expressivo também conteúdo descritivo. Já o alvo da atitude do falante do item expressivo pode ser interpretado local e não-localmente quando esses IEs estão prepostos ao nome, mas apenas de forma local quando eles estão pospostos.

Como podemos ver, expressivos pós-nominais na estrutura que estamos investigando (i) garantem que a interpretação de atitude negativa (uso-condicional) do falante seja interpretada localmente, seja recaindo sempre sobre o DP interno à estrutura, seja recaindo sobre a dimensão descritiva do item expressivo, e (ii) podem fazer uma contribuição veri-condicional, na qual predicam sobre alguma característica qualitativa do N interno à estrutura. Assim, reforçamos a conclusão de que expressivos pós-nominais são itens mistos.

## 2. Classificação dos expressivos pré- e pós-nominais

Nesta seção, procuramos responder à segunda pergunta colocada na introdução: quais são os expressivos que se encaixam na estrutura [D IE de DP] e se todos se comportam da mesma forma. Considerando as discussões feitas na seção 1, para pensar sobre a resposta a essa pergunta, dois pontos principais a serem considerados são: (i) todos os expressivos que se encaixam nessa estrutura podem ocupar as mesmas posições, i.e. pré- e pós-nominal?; e (ii) todos os expressivos que se encaixam

nessa estrutura geram as mesmas interpretações em relação ao alvo da atitude negativa e ao tipo de conteúdo expressado? Veremos esses pontos nas seções 2.1 e 2.2, respectivamente.

## 2.1. Distribuição sintática dos itens expressivos

Não é por acaso que os exemplos de expressivos usados na seção 1 tenham se limitado a ‘merda’ e ‘bosta’, já que esses são os expressivos que, em PB, conseguem se inverter com o elemento caracterizado sem mudar mais nada na estrutura da sentença, como podemos ver nos pares em (17) e (18):

- (17) a. Essa bosta de internet caiu.  
b. Essa internet de bosta caiu.
- (18) a. Essa merda de livro me traumatizou.  
b. Esse livro de merda me traumatizou<sup>8</sup>.

No entanto, outros expressivos que se encaixam na estrutura [D IE de DP] não seguem esse esquema. Entre esses itens expressivos, há dois padrões: (i) aqueles que podem aparecer em posição pós-nominal mas apenas com a eliminação da preposição “de”, como adjetivos atributivos (cf. (19) a (21)), e (ii) aqueles que não podem aparecer em posição pós-nominal de maneira alguma (cf. (22) a (26)).<sup>9</sup>

**Tabela 1:** Distribuição de alguns IEs no PB

	Expressivo	Posição pré-nominal	Posição pós-nominal com preposição	Posição pós-nominal sem preposição
(19)	porcaria	Essa porcaria de TV	?Essa TV de porcaria	Essa TV porcaria
(20)	lixo	Esse lixo de TV	*Essa TV de lixo	Essa TV lixo
(21)	cu	Esse cu de TV	?Essa TV de cu	Essa TV cu
(22)	porra	Essa porra de TV	*Essa TV de porra	*Essa TV porra
(23)	caralho	Esse caralho de TV	*Essa TV de caralho	*Essa TV caralho
(24)	cacete	Esse cacete de TV	*Essa TV de cacete	*Essa TV cacete
(25)	inferno	Esse inferno de TV	*Essa TV de inferno	*Essa TV inferno
(26)	droga	Essa droga de TV	*Essa TV de droga	*Essa TV droga

**Fonte:** Elaboração dos autores

Todos os itens expressivos de (19) a (26) podem também aparecer em posição predicativa se acompanhados de artigo indefinido, como podemos ver em (27). No entanto, apenas aqueles itens que podem vir pospostos ao nome podem vir em posição predicativa sem um artigo indefinido ou modificados por um intensificador como ‘muito’, conforme vemos em (28).

<sup>8</sup> Com relação ao exemplo (18), é interessante notar o seguinte: o livro pode ser muito bom em (18a) e ainda assim traumatizar o falante, mas o trauma que o livro causa em (18b) é provavelmente porque o livro é muito ruim.

<sup>9</sup> A lista apresentada no quadro não é exaustiva, e a proposta aqui é apenas a de trazer exemplos para ilustrar a discussão.

- (27) a. Essa TV é uma porcaria.  
 b. Essa TV é um lixo.  
 c. Essa TV é um cu.  
 d. Essa TV é uma porra.  
 e. Essa TV é um caralho.  
 f. Essa TV é um cacete.  
 g. Essa TV é um inferno  
 h. Essa TV é uma droga.
- (28) a. Essa TV é porcaria./Essa TV é muito porcaria.  
 b. Essa TV é lixo./Essa TV é muito lixo.  
 c. ?Essa TV é cu./Essa TV é muito cu.  
 d. \*Essa TV é porra./\*Essa TV é muito porra.  
 e. \*Essa TV é caralho./\*Essa TV é muito caralho.  
 f. \*Essa TV é cacete./\*Essa TV é muito cacete.  
 g. \*Essa TV é inferno./\*Essa TV é muito inferno.  
 h. \*Essa TV é droga./\*Essa TV é muito droga.

Além disso, apenas os expressivos que podem aparecer pospostos ao nome podem aparecer em construções de grau, como as exclamativas-*wh* (cf. (29)), os comparativos (cf. (30)) e construções com ‘demais’ (cf. (31)) (testes adaptados de KENNEDY, 1999):

- (29) a. Que TV porcaria/lixo/cu!  
 b. \*Que TV porra/caralho/cacete/inferno/droga!
- (30) a. Essa TV é mais porcaria/lixo/cu que a minha TV.  
 b. \*Essa TV é mais porra/caralho/cacete/inferno/droga que a minha TV.
- (31) a. Essa TV é porcaria/lixo/cu demais para ser o prêmio da rifa.  
 b. \*Essa TV é porra/caralho/cacete/inferno demais para ser o prêmio da rifa.

Observamos, então, que a distribuição sintática dos expressivos que podem aparecer na estrutura [D IE de DP] não é homogênea para toda a categoria. Esses expressivos podem, por sua vez, ser classificados em duas categorias: (i) aqueles que podem aparecer tanto em posição pré- quanto em posição pós-nominal; e (ii) aqueles que podem aparecer apenas na posição pré-nominal. Além disso, vimos também que essas duas categorias apresentam um outro padrão: apenas os expressivos da categoria (i) podem aparecer em expressões de grau, enquanto os da categoria (ii) não o fazem. Finalmente, itens de ambas as classes podem aparecer em posição predicativa na sentença, mas apenas

os itens da categoria (ii) precisam, necessariamente, estar acompanhados de um artigo indefinido para que a sentença seja gramatical. Os padrões observados estão resumidos na tabela abaixo:

**Tabela 2:** Padrões dos IEs no PB

<b>Categoria (Exemplo)</b>	<b>Posição em relação ao nome</b>	<b>Pode aparecer em construção de grau?</b>	<b>Pode aparecer em posição predicativa?</b>
Categoria I (porcaria)	Duas opções: (i) Pré-nominal; (ii) Pós-nominal	Sim	Sim, de duas formas: (i) Com artigo indefinido; (ii) Sem artigo indefinido.
Categoria II (porra)	Apenas pré-nominal	Não	Sim, mas apenas com artigo indefinido

**Fonte:** Elaboração dos autores

Nesta seção, portanto, vimos quais posições na sentença podem ocupar os itens expressivos analisados neste texto. Na seção seguinte, olhamos para as interpretações que esses itens geram nessas diferentes posições sintáticas.

## 2.2. Diferentes itens expressivos e suas interpretações

De acordo com o que argumentamos na seção 1, há diferenças de interpretação entre as estruturas [D IE de DP] (ou seja, com o item expressivo em posição pré-nominal) e [DP de IE] (ou seja, com o item expressivo em posição pós-nominal). Essas diferenças de interpretação se dão em dois âmbitos: (i) no tipo de conteúdo expresso, que pode ser apenas uso-condicional ou então simultaneamente veri- e uso-condicional (misto), e (ii) no alvo da atitude negativa, que pode ser um alvo não-local (o CP, ou seja, a situação), ou então um alvo local (o DP caracterizado ou então o conteúdo descritivo do item expressivo misto). As diferentes interpretações das duas estruturas são retomadas e esquematizadas na tabela seguinte:

**Tabela 3:** Interpretação dos IEs

	<b>Exemplo</b>	<b>Contribuição vericondicional</b>	<b>Contribuição uso-condicional</b>
<b>Expressivo em posição pré-nominal</b>	Essa merda de TV quebrou.	Não.	Atitude negativa do falante direcionada à TV ou à situação.
<b>Expressivo em posição pós-nominal</b>	Essa TV de merda quebrou.	A TV tem uma qualidade ruim.	Atitude negativa do falante direcionada à (qualidade da) TV

**Fonte:** Elaboração dos autores

Considerando os expressivos do PB que se encaixam na estrutura [D IE de DP], apresentados na seção anterior, temos que muitos deles, embora possam aparecer também em posição pós-nominal, não mantêm a preposição ‘de’ nessa inversão, como ocorre com os exemplos ‘merda’ e ‘bosta’ dados na seção 1. Além disso, nem todos os itens expressivos que podem aparecer na estrutura [D IE de DP] podem aparecer em posição pós-nominal.

Assim, levando em consideração que a proposta de que as interpretações geradas pelos itens expressivos dependem de sua posição sintática (pré- ou pós-nominal) e a diferença nas distribuições sintáticas desses outros expressivos que se encaixam na estrutura [D IE de DP] apresentados na seção anterior, temos duas expectativas:

- (i) que os expressivos de (19) a (21), que aparecem tanto em posição pré- quanto pós-nominal (ainda que sem a preposição), também gerem leituras diferentes dependendo de sua posição sintática; e
- (ii) que os expressivos de (22) a (26), que só ocupam uma posição pré-nominal, resultem apenas naquelas leituras geradas pela estrutura [D IE de DP].

Veremos se esse é o caso nas subseções a seguir.

### 2.2.1. Expressivos pré- e pós-nominais

Como já argumentado, a diferença de posição do item expressivo em relação ao nome que ele caracteriza gera diferentes leituras em dois âmbitos: (i) em relação ao tipo de conteúdo expresso pela sentença, que pode ser apenas uso-condicional (posição pré-nominal) ou misto (posição pós-nominal); e (ii) em relação ao alvo da atitude negativa do falante, que pode ser o CP (i.e. a situação reportada), o DP (i.e. o objeto caracterizado) ou o conteúdo descritivo do IE.

Do ponto de vista do tipo de conteúdo veiculado, deveríamos esperar que esses itens, quando ocupam uma posição pré-nominal, não veiculassem conteúdo na dimensão veri-condicional. Esse padrão é seguido pelos expressivos ‘porcaria’ e ‘lixo’, como podemos ver nos exemplos (32) e (33) abaixo, que mostram que só não é possível negar a má qualidade da TV quando o expressivo é posposto ao nome:

- (32) a. Essa porcaria de TV quebrou apesar de ser muito boa.  
b. Essa TV porcaria quebrou ?apesar de ser muito boa.
- (33) a. Esse lixo de TV quebrou apesar de ser muito boa.  
b. Essa TV lixo quebrou ?apesar de ser muito boa.

No entanto, esse padrão não é mantido com o expressivo ‘cu’, que mesmo ao aparecer em posição pós-nominal, não gera uma leitura (descritiva e veri-condicional) de que a qualidade da TV é ruim:

- (34) a. Esse cu de TV quebrou apesar de ser muito boa.  
b. Essa TV cu quebrou apesar de ser muito boa.

Essa aparente quebra de padrão, no entanto, se deve ao fato de que ‘cu’ não veicula um conteúdo veri-condicional similar àquele veiculado por ‘porcaria’ e ‘lixo’, ou seja, o conteúdo de que a TV tem uma qualidade ruim. O conteúdo descritivo trazido por ‘cu’ em (34b) pode ser o de que a TV é complicada de se operar, de se configurar, mas não necessariamente o de que a TV é de baixa qualidade. Assim, ainda que (34b) quebre o padrão de (32b) e (33b), aceitando a continuação “apesar de ser muito boa” (justamente porque ‘cu’ não fala sobre a qualidade da TV), esse dado não nega que esse item expressivo veicule conteúdo vericondicional, ele apenas não tem a ver com a qualidade da TV<sup>10</sup>.

O problema do teste que usamos em (32) a (34) é que, para que ele funcione, dependemos de conseguir parafrasear o item expressivo usando itens descritivos, o que não é uma tarefa muito fácil considerando que a “inefabilidade descritiva”<sup>11</sup> é uma importante característica dos itens expressivos (POTTS, 2007). Seria preferível, então, um teste que não dependesse dessa manobra.

Assim, propomos um novo teste para verificar se o item expressivo posposto ao nome age na dimensão veri-condicional da sentença. Esse teste se baseia na ideia de que, caso o item expressivo veicule também um conteúdo descritivo, esse conteúdo agiria sobre o DP caracterizando-o de alguma forma e, portanto, restringindo o domínio desse DP de modo similar ao que faz um adjetivo intersectivo. Para ilustrar essa ideia, imagine a seguinte situação: na casa em que Ana e Beatriz moram há duas TVs e Ana percebe que uma delas (a de menor qualidade) está quebrada. Ela, então, resolve alertar Beatriz, que não sabe desse fato ainda. Nesse cenário, a resposta de Ana só é aceitável em (35b), mas não em (35a):

(35a) Ana: A TV quebrou.

Beatriz: Qual TV quebrou?

Ana: #A merda da TV quebrou.

(35b) Ana: A TV quebrou.

Beatriz: Qual TV quebrou?

Ana: A TV merda quebrou.

Nessa situação, a resposta de Ana em (35b) especifica qual das TVs quebrou: a TV “merda”, caso uma apresente essa característica (seja lá qual seja a sua equivalente descritiva) e a outra não, ou então a TV “mais merda”, caso as duas TVs apresentem essa característica. Assim, no cenário proposto, a última sentença em (35b) é mais informativa do que a última sentença em (35a), a partir da qual não podemos extrair a informação de qual das duas TVs quebrou.

O contraste de uso das respostas de Ana em (35) mostra que o mesmo item expressivo restringe o domínio do item caracterizado (no caso, o domínio das TVs da casa) na posição pós-nominal, mas não na posição pré-nominal e, portanto, mostra também que ele age na dimensão veri-condicional apenas

<sup>10</sup> Um importante trabalho futuro é analisar caso a caso os IEs que apresentam as características que listamos aqui com relação à sua contribuição descritivo/veri-condicional, pois, como o exemplo com ‘cu’ mostra, nem sempre estamos falando da qualidade.

<sup>11</sup> Esse é o nome que Potts (2005) dá à propriedade dos expressivos de não poderem ser adequadamente parafraseados em termos exclusivamente descritivos, ou seja, *grosso modo*, não é possível traduzir um termo expressivo em termos descritivos sem perder conteúdo.

no primeiro caso. Vale lembrar que esse teste não nega que o expressivo na posição pós-nominal tem contribuição uso-condicional – a ideia é que esses expressivos pós-nominais, como vimos, sejam mistos e contribuam em ambos os níveis, uso- e veri-condicional.

Usando esse teste, podemos verificar que todos os itens listados como expressivos pré- e pós-nominais atuam da mesma forma: nos exemplos em (36), que trazem os expressivos em posição pré-nominal, não sabemos qual das TVs quebrou; já naqueles em (37), nos quais o expressivo vem posposto ao nome, sabemos qual das TVs quebrou<sup>12</sup>:

- (36) a. A porcaria da TV quebrou.  
 b. O lixo da TV quebrou.  
 c. O cu da TV quebrou.

- (37) a. A TV porcaria quebrou.  
 b. A TV lixo quebrou.  
 c. A TV cu quebrou.

Do ponto de vista do tipo de conteúdo veiculado, portanto, vimos que a classe de expressivos que pode aparecer tanto na estrutura [D IE de DP] quanto na sua versão que inverte o nome e o expressivo [DP de IE] se comporta de forma homogênea e veicula, além do conteúdo uso-condicional, conteúdo veri-condicional na posição pós-nominal, e não na pré-nominal.

Passemos, agora, para a questão do alvo da atitude negativa. Conforme vimos anteriormente, quando os expressivos ‘merda’ e ‘bosta’ estão prepostos ao nome, eles podem gerar tanto uma leitura local, na qual a atitude negativa é direcionada ao DP, quanto uma leitura não-local, na qual a atitude negativa é direcionada ao CP. Vamos ver se esse padrão é mantido pelos outros expressivos pré- e pós-nominais.

Em (38), a continuação “pena que ele sempre volta” tem a intenção de bloquear a leitura de que o falante está direcionando a sua atitude negativa à situação de fuga (veiculada pelo CP), já que essa continuação indica que o falante tem uma atitude positiva em relação à ausência do gato e, portanto, teria também uma atitude positiva caso ele fugisse. As sentenças em (38) não são contraditórias com essa continuação justamente porque, nesses casos, é possível termos uma leitura para as sequências [a porcaria/o lixo/o cu do gato] na qual ‘o gato’ é o alvo da atitude negativa do falante. Vemos por esses exemplos, portanto, que os expressivos prepostos ao nome podem ter como alvo da atitude negativa o DP caracterizado.

- (38) a. Essa porcaria de gato fugiu. Pena que ele sempre volta.  
 b. Esse lixo de gato fugiu. Pena que ele sempre volta.  
 c. Esse cu de gato fugiu. Pena que ele sempre volta.

<sup>12</sup> Em (36) e (37), usamos um artigo definido, mas é possível usar também demonstrativos.

Nos exemplos em (39), o uso do diminutivo ‘gatinho’ tem a intenção de bloquear, dessa vez, a leitura de que o falante direciona sua atitude negativa ao gato, já que ele está se referindo ao animal de uma forma carinhosa. Porém, note que, se as sentenças em (39) forem aceitáveis, a única interpretação possível será a de que a atitude negativa é direcionada ao CP (i.e. a situação), e não ao DP, e assim a contribuição do diminutivo nos exemplos em (39) pode ser afetiva (caso a atitude negativa seja direcionada ao CP) e é estritamente dimensional apenas no caso de o alvo da atitude negativa do falante ser interpretado como o DP “gatinho”.

- (39) a. Essa porcaria de gatinho fugiu.  
 b. Esse lixo de gatinho fugiu.  
 c. Esse cu de gatinho fugiu.

Finalmente, vamos olhar para esses expressivos agora em posição pós-nominal. De acordo com o comportamento dos expressivos ‘merda’ e ‘bosta’, quando esses itens vêm pospostos ao nome, a única leitura possível é a de que eles agem localmente, sobre o DP ou sobre a característica descritiva veiculada pelo IE, e uma leitura não-local não está disponível. O fato de que as sentenças em (40) e suas continuações são possíveis mostra que o expressivo pós-nominal pode ser usado quando o falante está satisfeito com a situação. Nesses casos, a atitude negativa do falante só pode estar direcionada ao DP ou à caracterização descritiva do N veiculada pelo IE.

- (40) a. Que bom que essa TV porcaria quebrou! Assim compramos outra.  
 b. Que bom que essa TV lixo quebrou! Assim compramos outra.  
 c. Que bom que essa TV cu quebrou! Assim compramos outra.

Em (40d), trazemos outro exemplo para mostrar que o IE não pode ser interpretado como atribuindo uma atitude negativa em relação à situação (CP). A continuação após o travessão soa estranha justamente por tentar atribuir a atitude negativa lançada pelo IE na primeira parte da sentença à situação, e não à prova. Essa estranheza mostra que o IE pós-nominal não pode atuar sobre o CP, ou seja, ter leitura não-local.

- (40) d. Acabei de corrigir a prova porcaria/lixo/cu do meu aluno – #não é que eu não gostei da prova, mas é que eu odeio corrigir provas.

O teste do diminutivo que usamos em (6) e em (39) também traz evidências de que a interpretação do IE pós-nominal é apenas local. Em (40e), o uso de um item expressivo que atribui a atitude negativa do falante ao DP faz com que o diminutivo seja interpretado como se referindo ao tamanho do objeto ou então como um pejorativo. A interpretação de que o diminutivo atribui uma atitude positiva do falante ao DP é bloqueada por conflitar com a atribuição da atitude negativa do falante em relação ao DP. Caso a atitude negativa do IE pudesse ser atribuída ao CP, a leitura do diminutivo como um

expressivo positivo não seria necessariamente bloqueada, como acontece em (39) – ela poderia existir desde que interpretássemos o alvo da atitude negativa do falante como sendo o CP. No entanto, o diminutivo não apresenta leitura positiva justamente porque a única possibilidade é a de que a atitude negativa do falante veiculada pelo IE é direcionada a um alvo local (o DP), sendo impossível que o IE, nessa posição pós-nominal, tenha seu conteúdo expressivo direcionado ao CP.

(40) e. Eu tenho um computadorzinho porcaria/lixo/cu.

Nesta seção, vimos, então, que os itens expressivos aqui investigados que podem aparecer tanto em posição pré- quanto pós-nominal seguem o padrão de comportamento que vimos na seção anterior com *merda* e *bosta*, resumido na tabela a seguir:

**Tabela 3:** Tipos de alvos dos IEs

Posição	Tipo(s) de conteúdo veiculado	Alvo(s) da atitude emotiva do falante
Pré-nominal	Expressivo	(i) Não-local (CP) (ii) Local (DP ou conteúdo descritivo do IE)
Pós-nominal	(i) Expressivo (ii) Descritivo	Local (DP ou conteúdo descritivo do IE)

**Fonte:** Elaboração dos autores

A partir de todo o exposto nesta seção, podemos definir pelo menos três formalizações possíveis para IEs que podem ocupar tanto a posição pré- quanto a pós-nominal. As formalizações em (41a) e (41b) representam esses IEs em posição pré-nominal, enquanto aquela em (41c) representa os mesmos IEs em posição pós-nominal:

- (41) a.  $[[IE_{pre\_nominal}]] = \emptyset \blacklozenge \textcircled{\smiley}(\lambda x . x) : \langle e, u \rangle^s$   
 b.  $[[IE_{pre\_nominal}]] = \emptyset \blacklozenge \textcircled{\smiley}(\lambda S . S) : \langle t, u \rangle^s$   
 c.  $[[IE_{pos\_nominal}]] = \lambda d . \lambda x . \mu_{DIM}(x) \geq d \blacklozenge \textcircled{\smiley}(\lambda d . \lambda x . \mu_{DIM}(x) \geq d) : \langle d, \langle e, t \rangle \rangle^a \times \langle \langle d, \langle t, e \rangle, u \rangle^s$

Nas fórmulas em (41), o símbolo “ $\blacklozenge$ ” separa a parte veri-condicional (descritiva) da parte uso-condicional (expressiva) do termo, conforme proposto por McCready (2010) para itens mistos. A interpretação veri-condicional do termo fica à esquerda de “ $\blacklozenge$ ”, enquanto a uso-condicional vem à direita. O tipo  $u$  é definido em Gutzmann (2019) como um tipo básico da dimensão uso-condicional e representa algum tipo de envolvimento emocional do falante. Por fim, os índices  $a$  e  $s$  são definidos em McCready (2010) e servem para identificar a qual dimensão o tipo proposto pertence: à dimensão *at-issue* ou veri-condicional (índice  $a$ ) ou à dimensão expressiva ou uso-condicional ( $s$ ).

Em (41a) e (41b), vemos que o IE pré-nominal não apresenta interpretação na dimensão veri-condicional do termo (indicado por “ $\emptyset$ ”), apenas na sua dimensão uso-condicional. O IE

pré-nominal apresenta duas interpretações possíveis pois, como já vimos anteriormente, ele pode direcionar a atitude negativa do falante para dois alvos diferentes: o DP caracterizado ou então o CP como um todo. A fórmula em (41a) representa o IE que tem como alvo o DP caracterizado – ele toma como alvo um indivíduo  $x$ , de tipo  $\langle e \rangle$ , e é de tipo  $\langle e, u \rangle$  na dimensão uso-condicional, ou seja, ele toma um indivíduo como argumento (o DP) e devolve uma atitude do falante em relação a esse indivíduo. A atitude negativa do falante nessa fórmula (e também nas fórmulas seguintes) é representada pelo símbolo ☹.

Já em (41b), temos a representação de um IE pré-nominal que tem como alvo o CP no qual ele aparece – ele toma como alvo uma sentença  $S$  e é do tipo  $\langle t, u \rangle$  na dimensão uso-condicional, ou seja, ele toma uma sentença/proposição como argumento (o CP) e devolve uma atitude do falante em relação a essa sentença.

Por fim, em (41c) temos uma formalização para um IE pós-nominal. A presença de conteúdo dos dois lados de “♦” mostra que esse é um item misto, ou seja, que veicula conteúdo nas duas dimensões de significado: veri- e uso-condicional. Na dimensão veri-condicional, esse IE funciona como um adjetivo de grau que toma como argumentos um grau  $d$  e um indivíduo  $x$  e diz que a medida de  $x$  na dimensão  $DIM$  é superior a esse grau  $d$  definido pelo contexto. Para grande parte dos IEs pré- e pós-nominais apresentados neste trabalho (‘merda’, ‘bosta’, ‘porcaria’ e ‘lixo’), a dimensão  $DIM$  sobre a qual eles são medidos será uma dimensão de qualidade ruim, como vimos em (32) e (33), mas também é possível que essa dimensão mobilizada seja diferente de acordo com o IE usado, como vimos que acontece com o IE ‘cu’, que não atribui uma qualidade baixa ao objeto caracterizado, mas uma qualidade descritiva de alguma outra ordem, conforme vimos em (34). O IE em posição pós-nominal é de tipo  $\langle d, \langle e, t \rangle \rangle$  na dimensão veri-condicional, que é o tipo de um adjetivo gradual comum. Já na dimensão uso-condicional, o IE pós-nominal atribui uma atitude emotiva do falante em relação à qualidade descritiva atribuída ao N, ou seja, em relação a própria parte descritiva do IE. Assim, esse IE é de tipo  $\langle \langle d, \langle e, t \rangle, u \rangle$ , ou seja, ele toma como argumento um adjetivo de grau e devolve uma atitude do falante em relação a esse adjetivo.

Assim, uma sentença como aquela em (42a) fica formalizada como em (42b), caso a atitude negativa seja direcionada à TV, ou (42c), se a atitude emocional do falante tiver como alvo o CP como um todo. Já uma sentença como aquela em (43a), que apresenta um IE pós-nominal, fica formalizada como em (43b).<sup>13</sup>

- (42) a. [[Essa merda de TV quebrou.]]  
 b. = QUEBROU(essa TV)<sup>a</sup> • ☹(essa TV)<sup>s</sup>  
 c. = QUEBROU(essa TV)<sup>a</sup> • ☹(QUEBROU(essa TV))<sup>s</sup>

<sup>13</sup> O símbolo do círculo preto (●) separa a dimensão veri-condicional (à esquerda) e a dimensão uso-condicional (à direita) no nível sentencial, diferentemente de ♦, que é usado para separar as duas dimensões de um mesmo item que funciona como um expressivo misto, conforme proposto em Gutzmann (2019).

- (43) a. [[Essa TV porcaria quebrou.]]  
 b.  $= \lambda d . \mu_{\text{QUALIDADE\_RUIM}}(\text{essa TV}) \geq d \blacklozenge \text{☹}(\lambda d . \mu_{\text{QUALIDADE\_RUIM}}(\text{essa TV}) \geq d)$

Em resumo, a interpretação final da estrutura de dependerá composicionalmente dos elementos que a formam e de como estão combinados. Seguindo essa linha de raciocínio, seria de se esperar que IEs exclusivamente pré-nominais apresentassem apenas as interpretações que os IEs desta seção geram em posição pré-nominal. Na seção a seguir, vamos verificar essa hipótese.

### 2.2.2. Expressivos exclusivamente pré-nominais

Como vimos na seção 2.1, uma parte dos itens expressivos que se encaixa na estrutura [D IE de DP] não pode aparecer em posição pós-nominal. É o caso dos exemplos em (22) a (26) – ‘porra’, ‘caralho’, ‘cacete’, ‘inferno’ e ‘droga’. Como esses itens só aparecem em posição pré-nominal, a expectativa é de que eles tenham apenas as leituras geradas que os demais expressivos em posição pré-nominal, ou seja, que (i) não contribuam com conteúdo vericondicional para a sentença e (ii) que o alvo da atitude negativa seja ambíguo entre o CP e o DP.

Em relação ao tipo conteúdo expresso por essa categoria, os expressivos exclusivamente pré-nominais se diferenciam daqueles que podem aparecer tanto antes como depois do nome por não veicularem conteúdo veri-condicional, apenas conteúdo uso-condicional. Nesse sentido, esses expressivos funcionariam como epítetos expressivos, como o item *damn* do inglês nos exemplos abaixo. Fica claro que o epíteto *damn* não contribui na dimensão veri-condicional da sentença quando observamos que, a partir da premissa em (44a), podemos concluir (44b) (KAPLAN, 1999):

- (44) a. That damn Kaplan was promoted.  
 Aquele maldito Kaplan foi promovido.  
 b. Kaplan was promoted.  
 Kaplan foi promovido.

Da mesma forma, a partir de (45a) podemos concluir (45b):

- (45) a. Essa porra/Esse caralho/Esse cacete/Esse inferno/Essa droga de TV quebrou.  
 b. Essa TV quebrou.

Além disso, como argumentamos com os exemplos em (35), os expressivos que aparecem apenas em posição pré-nominal também não conseguem restringir o domínio do DP caracterizado. Assim, se, considerarmos uma situação em que Ana sabe que uma das TVs da casa quebrou, mas não sabe qual, vemos, nos exemplos em (46), que a resposta dada por Beatriz não parece uma resposta aceitável para a pergunta de Ana em nenhum dos casos,

(46) Ana: Qual TV quebrou?

Beatriz: #A porra/O caralho/O cacete/O inferno/A droga da TV quebrou.

Com esses dados, podemos concluir, novamente, que os expressivos exclusivamente pré-nominais têm o papel de contribuir somente na dimensão uso-condicional da sentença, e não veiculam conteúdo descritivo.

Finalmente, a última característica que esperamos que a categoria dos expressivos exclusivamente pré-nominais tenha é a de gerar leituras ambíguas quanto ao alvo da atitude negativa expressa pelo falante quando usa esses itens. Assim, seguindo o que já argumentamos para o expressivo ‘merda’, sentenças como aquelas em (47) deveriam gerar duas possíveis interpretações cada, expressas nos esquemas semi-formais em (48) (nos quais o alvo da atitude negativa é o DP [gato]) e em (49) (nos quais o alvo da atitude negativa é o CP, ou seja, a situação):

- (47) a. Essa porra de gato fugiu.  
 b. Esse caralho de gato fugiu.  
 c. Esse cacete de gato fugiu.  
 d. Esse inferno de gato fugiu.  
 e. Essa droga de gato fugiu.

- (48) a. [PORRA[esse gato]] fugiu  
 b. [CARALHO[esse gato]] fugiu  
 c. [CACETE[esse gato]] fugiu  
 d. [INFERNO[esse gato]] fugiu  
 e. [DROGA[esse gato]] fugiu

- (49) a. [PORRA[esse gato fugiu]]  
 b. [CARALHO[esse gato fugiu]]  
 c. [CACETE[esse gato fugiu]]  
 d. [INFERNO[esse gato fugiu]]  
 e. [DROGA[esse gato fugiu]]

Em (50), usamos o mesmo teste feito em (12), bloqueando a leitura não-local da atitude negativa por meio do encaixe da sentença na exclamativa “que bom”, que expressa a satisfação do falante:

- (50) a. Que bom que essa porra de gato fugiu!  
 b. Que bom que esse caralho de gato fugiu!  
 c. Que bom que esse cacete de gato fugiu!  
 d. Que bom que esse inferno de gato fugiu!  
 e. Que bom que essa droga de gato fugiu!

A partir desses exemplos, então, verificamos que todos os expressivos que listamos para essa categoria permitem a leitura local da atitude negativa, i.e. as leituras esquematizadas em (48), nas quais a atitude negativa é direcionada ao DP [esse gato].

Por fim, usando o teste feito em (39), no qual o diminutivo bloqueia a leitura de que o falante tem uma atitude negativa em relação ao DP, verificamos nos exemplos em (51) que também os expressivos exclusivamente pré-nominais geram leituras não-locais (aquelas esquematizadas em (49), nas quais o falante está insatisfeito com a situação, e não com o item caracterizado).

- (51) a. Essa porra de gatinho fugiu.  
 b. Esse caralho de gatinho fugiu.  
 c. Esse cacete de gatinho fugiu.  
 d. Esse inferno de gatinho fugiu.  
 e. Essa droga de gatinho fugiu.

A partir dos dados trazidos nesta seção, podemos concluir, então, que podemos formalizar os IEs exclusivamente pré-nominais da mesma forma que a proposta para os IEs da seção anterior (que podem aparecer tanto antes quanto depois do nome) quando eles estão em posição pré-nominal, já que o comportamento de ambos os tipos de item é o mesmo. Assim, há duas formalizações possíveis para os IEs exclusivamente pré-nominais, apresentadas em (41a) e (41b) e repetidas abaixo:

- (41) a.  $[[IE_{pre\_nominal}]] = \emptyset \blacklozenge \odot(\lambda x . x) : \langle e, u \rangle^s$   
 b.  $[[IE_{pre\_nominal}]] = \emptyset \blacklozenge \odot(\lambda S . S) : \langle t, u \rangle^s$

Finalmente, como ilustração, mostramos em (52b) e (52c) as possíveis interpretações da sentença em (52a):

- (52) a. [[Essa porra de TV quebrou.]]  
 b. = QUEBROU(essa TV)<sup>a</sup> •  $\odot$ (essa TV)<sup>s</sup>  
 c. = QUEBROU(essa TV)<sup>a</sup> •  $\odot$ (QUEBROU(essa TV))<sup>s</sup>

## Considerações finais

O objetivo deste artigo foi o de investigar de maneira contrastiva os expressivos que são aceitos nas estruturas [D IE de DP] e [DP de IE] no português brasileiro, seus escopos e as interpretações que eles geram em cada uma dessas posições. Os dados trabalhados aqui indicam que são as diferentes estruturas sintáticas nas quais o expressivo se encaixa, e não apenas o item lexical propriamente dito, que geram as diferentes interpretações das sentenças. Assim, o mesmo item expressivo, a depender da posição sintática que ele ocupa na sentença (pré- ou pós-nominal), pode tanto sinalizar uma atitude negativa do falante (i) localmente (em relação ao indivíduo caracterizado (DP) ou à característica descritiva atribuída ao N caracterizado pelo IE) ou então (ii) não-localmente (em relação à situação

como um todo (CP)). Da mesma forma, quando o item expressivo tem a possibilidade de aparecer apenas em uma das posições, ele só gera interpretações relacionadas a essa posição.

Este trabalho, de caráter descritivo, no entanto, apresenta também algumas questões que ficam em aberto. Em primeiro lugar, falamos apenas de itens expressivos que apresentam leituras de atitude negativa do falante, já que os itens que podem se inverter com o DP estão nessa categoria. Também é possível encontrar, na estrutura [D IE de DP], IEs positivos, i.e. que expressam uma atitude positiva do falante, como é o caso de ‘maravilha’ ou ‘beleza’ (BASSO, 2020), mas esses itens positivos não se invertem com o DP, ou seja, não podem aparecer em posição pós-nominal, como é o caso de alguns IEs negativos que vimos anteriormente. À primeira vista, os IEs positivos, que são exclusivamente pré-nominais, parecem seguir o padrão apresentado neste texto e se comportar como os IEs negativos exclusivamente pré-nominais, não podendo aparecer em construções de grau e nem em posição predicativa sem a presença de um artigo indefinido. Por outro lado, Basso (2020) aponta para a impossibilidade de que esses IEs positivos tenham interpretações não-locais, o que vai contra o padrão apresentado neste texto. Assim, seria interessante explorar mais o assunto para verificar se esses IEs positivos apresentam características ou comportamentos específicos que justificariam a formação de uma terceira categoria que não as duas presentes neste trabalho.

Outra questão que também merece mais investigação é o motivo de alguns IEs poderem aparecer em posição pós-nominal acompanhados da preposição ‘de’ e outros somente como adjetivos atributivos, e se há diferença de interpretação entre IEs pós-nominais acompanhados de ‘de’ ou não. Deixamos também como um problema a ser futuramente investigado se o grau de gramaticalização de alguns dos IEs que investigamos, poderia, talvez, explicar por que alguns itens são claramente mistos, como ‘merda’ em “Essa TV é uma merda”, e outros são simplesmente expressivos, como é o caso de ‘porra’. A hipótese a ser investigada é se essa diferença pode ter a ver com graus de gramaticalização – quanto mais gramaticalizado o item, mas chance ele tem de ter uma interpretação mista ou veri-funcional.

Por fim, embora IEs exclusivamente pré-nominais não apresentem conteúdo descritivo (veri-condicional), eles podem aparecer em posição predicativa (ainda que sempre acompanhados de artigo indefinido). Esse é outro problema para o qual ainda não temos uma explicação, e que será alvo de pesquisas futuras.

## Referências

BASSO, R. M. Use-conditional expressions and nonlocal interpretation: A case study of a Brazilian Portuguese structure. In: Roberta Pires de OLIVEIRA; Ina EMMEL; Sandra QUAREZEMIN (org.). *Brazilian Portuguese, syntax and semantics: 20 years of Núcleo de Estudos Gramaticais*. 1. ed. Amsterdã: John Benjamins, 2020, pp. 163-82.

DAVIS, C.; McCREADY, E. The instability of slurs. *Grazer Philosophische Studien*, v. 97, pp. 63-85, 2020.

DI TULLIO, A; SAAB, A. Dos clases de epítetos em el español: sus propiedades referenciales y distribución sintáctica. *Actas del XIV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL)*. Monterrey, 2006.

GUTZMANN, D. Expressives and beyond: An introduction to varieties of use-conditional meaning. In: Daniel GUTZMANN; Hans-Martin GÄRTNER (org.). *Beyond expressives: Explorations in use-conditional meaning*. Leiden/Boston: Brill, 2013.

GUTZMANN, D. *Use-conditional meaning: Studies in multidimensional semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

GUTZMANN, D. *The grammar of expressivity*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

KAPLAN, D. *The meaning of ouch and oops*. Los Angeles: University of California, 1999. Palestra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iaGRLlgPl6w>.

KENNEDY, C. *Projecting the adjective: The syntax and semantics of gradability and comparison*. Tese – University of California, 1999.

McCREADY, E. Varieties of conventional implicature. *Semantics and Pragmatics*, v. 3, n. 8, pp. 1-57, 2010.

POTTS, C. *The logic of conventional implicatures*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

POTTS, C. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics*, n. 33, pp. 165-97, 2007.